

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 02

Data 2 de junho de 1978

Pg.: _____

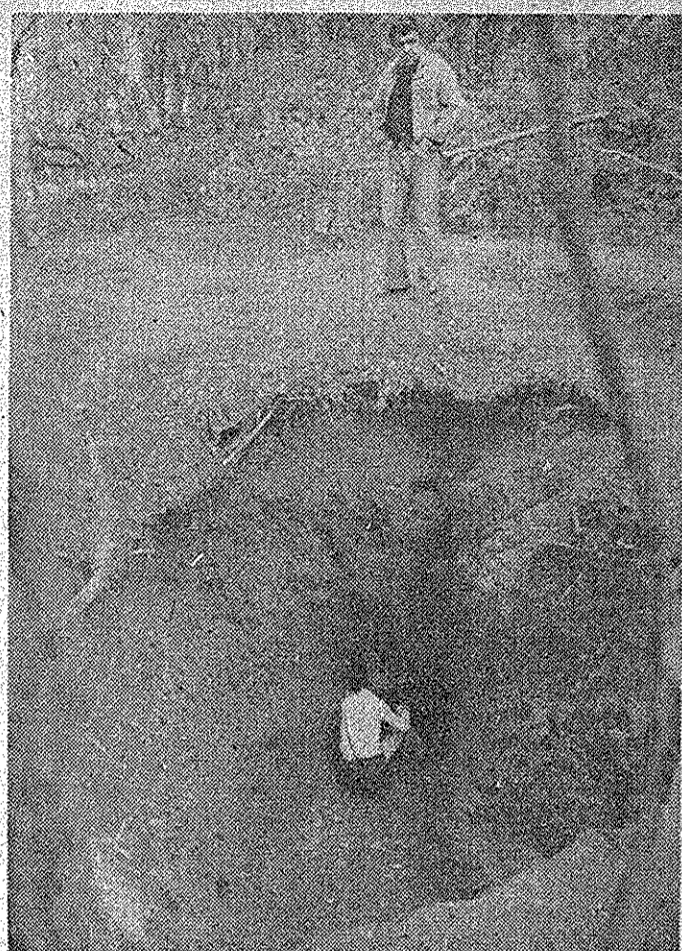
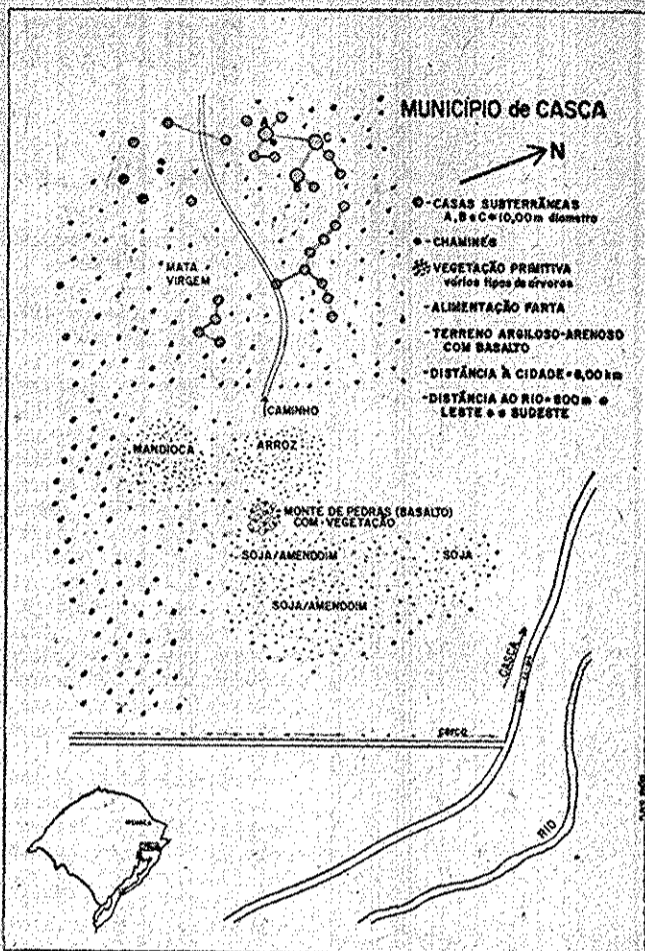


Foto Antonio Vargas — Telefoto Estado

A aldeia, encontrada a 261 km de Porto Alegre, foi construída por um grupo indígena pré-histórico

'Fogão' pode levar a idade de aldeia

DANILO UCHA
Enviado especial

Um "fogão" (local do brasileiro) encontrado terça-feira pelos pesquisadores passofundenses que descobriram uma aldeia indígena subterrânea no município gaúcho de Casca (a 261 quilômetros de Porto Alegre) é que vai definir, por meio de testes com carbono 14, o período exato em que aquela cidade subterrânea foi habitada. A professora Norah Boor, arqueóloga chefe do grupo de pesquisa, acredita que isso ocorreu há mais de 2 mil anos, pois o material obtido nas escavações mostra que os habitantes da aldeia estavam no período paleolítico, conheciam o fogo e lascavam a pedra, mas desconheciam a cerâmica e não praticavam a agricultura.

A importância científica da descoberta desse sítio arqueológico, segundo a professora Nohoh Boor, está no fato de que pela indícios de que um grupo indígena riograndense viveu sob a terra construindo sua habitação em forma de galerias. Conforme a classificação dos antropólogos, este é o segundo estágio da habitação humana. "O primeiro — diz Norah — foi a caverna, a moradia natural, depois vieram a galeria, a casa subterrânea, a semi-subterrânea, a choça e os atuais postos da Funai."

A descoberta também é importante porque se trata de um grupo indígena pré-histórico, ainda não estudado no País, "pois não existe bibliografia sobre este assunto", segundo Norah Boor. Pela primeira vez, uma equipe de arqueólogos, professores de História e um agrônomo encontrou galerias subterrâneas intactas e pode medir, desenhar, prospectar e coletar

material usado pelos antigos habitantes.

PONTA DE FLECHA

A aldeia subterrânea de Casca, em formato de ponta de flecha, é formada por um conjunto de salas circulares e abobadadas, construídas sob o solo, e interligadas por pequenos túneis onde uma pessoa só pode passar rastejando. Nas salas, com diâmetros que variam de dois a 20 metros, a pessoa pode ficar perfeitamente de pé, pois a altura varia de 1,50 a 1,90 m.

Até agora, depois de 20 dias de trabalho, os pesquisadores encontraram 30 salas e mais de 90 galerias, e acreditam que existam muito mais. A aldeia subterrânea está no meio e sob uma densa floresta nativa secundária, mas onde ainda existem alguns angicos e araucárias (pinheiro brasileiro) naturais, com mais de 30 metros de altura e cujos troncos, no caso das araucárias, dois homens não podem abraçar.

Usando picaretas, pás, baldes, paizinhos de pedreiro e pincéis (estes últimos para não danificar nenhuma peça frágil) os pesquisadores destaparam as portas de entrada da maioria das salas e galerias e tiraram completamente o entulho de três salas, interligadas por túneis, deixando-as como deveriam ser na época dos primeiros habitantes. Ao se rastejar pelo túnel de entrada construído como uma espécie de arco romano, redondo em cima e reto nos lados — e ao se alcançar a sala, sente-se a opressão do ambiente fechado e úmido e das toneladas de terra sobre a cabeça. Não há escoras de madeira nem de pedra. A opressão passa logo, porque os primitivos habitantes fizeram as escavações em declive com orientação Nordeste que aumenta a ventilação fornecida por pequenos e dissimulados canais que ligam o teto das salas com a superfície.

Os pesquisadores encontraram, até agora, poucas peças utilizadas pelos antigos habitantes: um machado ritual, pedras lascadas e material corante. No entanto, a professora Norah Boor acredita que eles tenham sido ancestrais da nação gé (ou tapuia), uma das três que habitaram o Rio Grande do Sul. As outras são tupi-guarani, que habitava o litoral e a região dos grandes rios, e a pampa, que se espalhava pelos pampas brasileiro, uruguaio e argentino. Os gé, que habitavam aquela região do planalto gaúcho, se subdividiam em coroados, pinares, ibirajaras e guaianas. Norah Boor crê que os habitantes da aldeia subterrânea eram os coroados.

Os pesquisadores contam com o apoio do arqueólogo Fernando La Salvia, da Secretaria de Educação, que há mais de 20 anos estuda o assunto, e acham que ainda é muito cedo para tirar conclusões. Mesmo assim, o material encontrado permite afirmar que se tratava de um grupo guerreiro — pelo grande material corante encontrado numa espécie de atelier, formado por pedras amarelas, brancas, vermelhas e por carvão —, pré-cerâmico, sem agricultura, caçador e coletor de produtos naturais. Não seriam antropófagos porque há cemitérios nas proximidades do aldeamento.

Na sala que os pesquisadores denominaram "um" por ter sido a primeira a ser desentulhada foi encontrado um machado de basalto lascado, considerado ritual por seu tamanho: 50 cm de altura por 40 cm de largura. Tem formato lunar (meia-lua), como aqueles pendulos usados nas salas de tortura da Idade Média e que ficavam oscilando sobre o pescoço da vítima amarrada numa mesa. Deve ter pertencido ao grupo Gé, que se denominava "Lua" e que eram guerreiros. O grupo denominado "Sol" dedicava-se à caça para garantir a sobrevivência dos "Lua".

O grupo de estudiosos que descobriu o aldeamento de Casca é formado pela antropóloga Norah Boor, pelos professores de História Ari Carlos Moraes Fernandes e Antonio Boff, e pelo agrônomo Adilson Mesquita. Há quatro anos que fazem este tipo

de pesquisas juntos para elaborar um trabalho sobre os primórdios do índio no Rio Grande do Sul. Até o início deste ano, quando já haviam mapeado 200 sítios arqueológicos indígenas, fizeram todas as pesquisas, viagens e acampamentos por conta própria, gastando mais de Cr\$ 60 mil retirados dos seus salários de professores da Universidade de Passo Fundo e de algumas escolas secundárias estaduais. São auxiliados pelo professor secundarista Macir Pedotti, de Casca, um conhecedor de toda a região e colecionador de peças indígenas.

Quando resolverem pesquisar a aldeia subterrânea — levados por um caçador que tinha conhecimento das "tocas" e por Macir Pedotti — os estudiosos de Passo Fundo viram que o trabalho estava além dos seus recursos e pediram apoio ao professor Fernando La Salvia, da Secretaria de Educação, que participou dos primeiros trabalhos de campo, levando os arqueólogos Veroni Freire e Alexis Borloh e algum dinheiro para pagar dois trabalhadores que auxiliaram a retirar a terra. Norah e Ari conseguiram dispensa das aulas da universidade para se dedicarem ao trabalho, mas Adilson ia de manhã para o local, a 74 quilômetros de Passo Fundo, voltava "as 14 horas para dar aula e retornava à aldeia à noite, quando o trabalho prosseguia à luz de bateria e sob a temperatura de 1 a 2 graus centígrados.

"O nosso problema maior, como o da maioria dos estudiosos brasileiros — diz Adilson — é tempo e dinheiro. As duas barracozinhas que temos para dormir no meio do mato, e onde mal cabem duas pessoas, foram compradas em liquidação porque tinham defeitos".

Apesar da importância do sítio arqueológico de Casca, os descobridores da aldeia subterrânea não sabem o que vai ocorrer com o local e temem que ele seja destruído "como tantas outras coisas neste País". Eles se consideram com muita sorte por terem conseguido que o proprietário das terras — Eduardo Servieri — adiasse a derrubada do mato que pretendia fazer para plantar soja na região. A aldeia ocupa uma área de 10 hectares dentro de uma mata natural de 150 hectares.